

# FORMAS ESTRUTURAIS VARIANTES NO LICENCIAMENTO DE OBJETOS TOPICALIZADOS DO PORTUGUÊS CLÁSSICO

Alba Verôna Brito Gibrail

Instituto de Estudos da Linguagem –Universidade de Campinas (UNICAMP)

Abstract. This paper presents the result of an investigation about the use of objects in the topic position in Classical Portuguese. In this position, objects are founded in two different configurations: in CLD and topicalization structures. There is, however, a diachronic change in the use of these clauses.

Keywords. *Classical Portuguese; fronted-object; CLD; topic-structure; diachronic change*

Resumo. Este artigo apresenta o resultado de uma investigação sobre o uso de objetos em posição de tópico no português clássico. Nesta posição, os objetos são encontrados em duas diferentes configurações: em estrutura de DEC e estrutura de topicalização. Há, entretanto, uma mudança de comportamento diacrônico no uso dessas sentenças.

Palavras-chave. *Português clássico; objeto-fronteado; DEC; estrutura de topicalização; mudança diacrônica.*

## Introdução

Dados levantados de textos de autores portugueses nascidos entre 1502-1845 integrantes do Corpus Tycho Brahe<sup>1</sup>, revelam que o português clássico licencia objetos direto e indireto em posição de tópico em formas estruturais distintas: na forma estrutural de Deslocação à Esquerda Clítica, DEC (cf. Duarte, 1987), na qual o objeto topicalizado é retomado na frase por um clítico, e na forma estrutural sem a presença visível de clítico com essa função na oração, assumida na literatura como forma de topicalização propriamente dita. Na forma com retomada clítica, o objeto topicalizado é licenciado em estruturas com ordens superficiais variantes com respeito à posição de realização do clítico. Há ocorrências dessas estruturas com o objeto sendo retomado por um clítico disposto em próclise,

(1)

- a. *Aos Turcos lhes* pezou muito da morte de Dom Christovão, (CTB-C\_007-1542-1606)
- b. Por isso *aos Anjos* lhes sobejam para explicar-se os conceitos, (CTB-M\_003-1608-1666)

e clítico disposto em ênclise.

(2)

- a. E *isto* sabe-o Deos e sabe-o Roma, que se eu nella quisera morar,

porventura não me faltava possibilidade, assi por mi mesmo como por favor de principaes pessoas em casa do papa. (CTB-H\_001-1517-1584)

- b. ao *austinado* move-o á compunção; o mundano á penitencia; o contemplativo á contemplação e medo e vergonha. (CTB- H\_001-1517-1584)

Esta variação não é verificada no uso das estruturas de topicalização que apresentam clítico sem esta função na oração. Nessas ocorrências, o clítico presente é sempre realizado em forma de próclise.

(3)

- a. *Isto nos* afirmou muito um homem Polaco, chamado Gabriel, (CTB- C\_007-1542-1606)
- b. *Esta singular virtude da caridade lhes* quis Nosso Senhor pagar, pólo muito que a estima, dando-lhes um filho tal que fosse estremo nela e honra e alegria deles. (CTB-S\_001-1556-1632)

Nas formulações de Galves (2000), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), e Paixão de Sousa (2004), assentadas na restrição da Lei de Tobler-Mussafia<sup>2</sup>, a disposição estrutural do clítico nas sentenças do português clássico define a posição estrutural do constituinte em posição pré-verbal. A presença da próclise assinala que o constituinte em posição pré-verbal está inserido na estrutura prosódica da oração, na condição de elemento fronteado; a presença da ênclise, por seu turno, indica que o constituinte que antecede o verbo é realizado em posição anterior à fronteira prosódica da frase, na condição de elemento em adjunção.

Com base nessa proposta, argumento que o português clássico licencia objetos topicalizados em posições pré-verbais distintas. Nas estruturas com próclise, representadas em (1) e (3), o objeto topicalizado ocupa a primeira posição da estrutura prosódica da oração; nas estruturas com ênclise, como nas ocorrências em (2), o objeto é realizado em posição anterior à fronteira frásica.

Nesta perspectiva, a disposição estrutural do clítico nas sentenças em (1) e (2) não somente define a posição pré-verbal de realização do objeto, mas é fator que assegura a natureza diferente dessas construções. Nas considerações de Galves, Britto e Paixão de Sousa (op. cit: 12), a ênclise nas sentenças do português clássico indica que o verbo é o primeiro elemento em Comp, configurando a ordem V1. Nas estruturas com próclise, o objeto deslocado é um elemento fronteado, realizado como primeiro constituinte dentro da estrutura da frase, configurando a ordem V2.

O objeto topicalizado com retomada de clítico em forma de próclise também é encontrado no corpus em estruturas de ordem superficial V3. Nessas ocorrências, um outro constituinte da oração é realizado entre o objeto em posição de tópico e o verbo.

(4)

- a. *Esta deferemça vos a* conhecereis e sabereis mui bem fazer, no modo que se deve e que eu seja de vos mui bem servido. (CTB -D\_ 001- 1502-1557)
- b. *Mas o corpo do homem d'esta arte o* compos a natureza (CTB -D\_ 001-1502-1557)

Dentro da hipótese que estou defendendo, o uso da próclise, nestas construções, assegura que o elemento em posição pré-verbal está inserido na estrutura da oração. A questão agora é definir se os dois elementos pré-verbais são ambos realizados em posição posterior à fronteira da frase, na condição de elementos fronteados, ou se apenas o constituinte que precede imediatamente o verbo o é, sendo o objeto realizado em adjunção a Comp.

Considerando a proposta de Galves; Britto e Paixão de Sousa (op. cit:13), da natureza V2 das construções XV do português clássico, nas quais a primeira posição pode ser ocupada por qualquer constituinte da oração, não havendo um lugar pré-verbal especial para a posição do sujeito, assumo as ocorrências em (4) como formas variantes de topicalização de objeto com retomada clítica, legitimadas em estruturas de natureza V2. Nessas sentenças, a ordem subjacente V2 é garantida pelo elemento fronteado que precede imediatamente o verbo.

A presença dessas sentenças no corpus indica que o português clássico licencia objetos com o estatuto de adjunto em configurações de ordem subjacente V2 e/ou V1. A posição de realização do clítico define a ordem subjacente das sentenças. Nessas construções, o objeto em posição de tópico é retomado na oração por um clítico com a mesma função sintática. A questão que se levanta é definir, nas bases dessa proposta, a posição de realização do objeto topicalizado nas sentenças sem clítico. É nesta configuração que o objeto é topicalizado com maior frequência nos textos dos autores nascidos nos séculos 16-17 e meados do século 18.

(5)

- a. *E esta carta enviareis lloguo ao ministro, onde quer que estiver; e lhe escrevereis quam curto he o tempo, pera vos llogu enviar os frades que pera esta ida tener ordenados.*(CTB-D\_001-1502-1557)
- b. *A gloria do desenho e perfil ou traço concederão os antigos a Parrhasio,* (CTB-H\_001-1517-1584)

Não há clítico, disposto em próclise e/ou ênclise, que permita definir se o objeto integra a estrutura prosódica da oração ou se posiciona fora desta estrutura, na condição de um adjunto. Por se tratar de dados escritos, pertinentes à gramática do português clássico, torna-se dificultoso assumir todas as ocorrências de objeto pré-verbal como instanciações de elementos em posição de Foco para justificar o seu deslocamento do VP (Raposo, 2000). Na consideração desse fato, defino essas construções como estrutura de topicalização -V2, nos moldes de Ribeiro (1995) para o português antigo.

Neste artigo, apresento as evidências empíricas encontradas no corpus que vêm garantir a natureza V2 dessas construções. Apresento também os fatores envolvidos na mudança de comportamento diacrônico na frequência de uso das diferentes formas de manifestação de objetos em posição de tópico. Proponho que esta mudança de comportamento se deve a uma mudança maior em curso no português clássico, refletida, visivelmente, na mudança da ordem estrutural do clítico a partir do século 18 (Galves & Galves, 1995; Galves, 2000; Galves & Paixão de Sousa, 2004; Galves, Britto e Paixão de Sousa, 2005).

Com este propósito, organizo o artigo em duas partes. Na primeira parte, apresento o resultado obtido na quantificação dos dados, assinalando as mudanças processadas, ao longo dos séculos, na frequência de uso das formas de manifestação de

objeto em posição de tópico. Na segunda parte, traço algumas considerações a respeito do resultado alcançado, que vem mostrar os fatores envolvidos no processo de mudança de comportamento lingüístico no uso dessas estruturas.

## A pesquisa

Para a realização deste trabalho, descrevi e quantifiquei hum mil cento e vinte e nove ocorrências de objetos em posição de tópico em orações coordenadas, principais e subordinadas, considerando as orações com estruturas de redobro de clítico pronominal em posição pré-verbal. Não incluí, na quantificação desses dados, as ocorrências que licenciam objetos deslocados em orações relativas, orações com verbos causativos e em estruturas mais complexas, que apresentam o sujeito e/ou o objeto da oração subordinada em posição de tópico da oração principal. Não considerei também, neste estágio da pesquisa, as construções de topicalização com o pronome *se*.

Tendo o objetivo de verificar a evolução das mudanças em curso no português clássico na formação e uso dessas estruturas, os dados foram quantificados e agrupados em quatro períodos. O primeiro período consiste na quantificação dos dados dos autores nascidos entre 1502-1597; o segundo apresenta o resultado referente aos dados dos autores nascidos entre 1601-1695; o terceiro, dos autores nascidos entre 1702-1750 e o quarto, dos autores nascidos entre 1757-1845.

O primeiro fato transparecido no levantamento desses dados é a mudança diacrônica na freqüência de uso das formas estruturais de licenciamento de objetos em posição de tópico. A forma de topicalização propriamente dita tem freqüência maior de ocorrência nos textos dos autores nascidos entre 1502 e 1750. Um outro comportamento é verificado nos textos dos autores nascidos a partir desse período. Neles, registrei aumento considerável da freqüência de uso da forma com retomada de clítico. Este fato é assinalado na tabela a seguir.

**Tabela 1. Comportamento diacrônico na freqüência de uso das duas formas estruturais de topicalização de objetos**

	1502-1597	1601-1695	1702-1750	1757-1845
<b>Obj não Retom</b>	<b>90,6</b> <b>(423/467)</b>	<b>87,2</b> <b>(361/414)</b>	<b>81,8</b> <b>(81/99)</b>	<b>49,6</b> <b>(74/149)</b>
<b>Obj Retom</b>	<b>6,4</b> <b>(44/467)</b>	<b>12,8</b> <b>(53/414)</b>	<b>18,2</b> <b>(18/99)</b>	<b>50,4</b> <b>(75/149)</b>

Outro fato revelado na pesquisa é a característica do português clássico de fazer uso exclusivo da próclise nas estruturas de topicalização com clítico não co-referente ao objeto deslocado. Não encontrei no corpus este tipo de construção com ênclise. Esta restrição não é verificada no licenciamento de objetos topicalizados com retomada de clítico. Embora a próclise predomine na formação dessas estruturas, os dados de autores nascidos nos séculos 16 e 17 acusam a presença de uma forma variante com ênclise.

(6)

- a. *E isto sabe-o Deos e sabe-o Roma, que se eu nella quisera morar, por ventura não me faltava possibilidade, assi por mi mesmo como por favor de principaes pessoas em casa do papa.* (CTB-H\_001-1517-1584)
- b. *Ao gigante derrubou -o a pedra, e a David o sonido.* (CTB-V\_004-1608-1697)

Um comportamento diferente é assinalado nos textos dos autores nascidos a partir do século 18: o uso de objetos topicalizados com clítico retomado em configuração de ênclise se generaliza. A próclise nessas estruturas fica condicionada a ambientes categóricos<sup>3</sup> e à natureza de Foco, visivelmente marcada, do objeto topicalizado,

(7)

- a. *O bom tom, eu lho darei antes de muito tempo.* (CTB-C\_005-1757-1832)
- b. *Esse mesmo tu o nomeaste.* (CTB-G\_004- 1799-1854)

O comportamento diacrônico da frequência de uso dessas estruturas é apresentado na tabela abaixo.

**Tabela 2. Comportamento diacrônico na frequência de uso das estruturas de objeto topicalizado com retomada de clítico disposto em próclise/ênclise**

	1502-1597	1601-1695	1702-1750	1757-1845
<b>Obj(X)cIV</b>	93,7 (45/48)	57,2 (28/49)	38,8 (7/18)	52,0 (39/75)
<b>ObjVcl</b>	6,3 (3/48)	42,8 (21/49)	61,2 (11/18)	48,0 (36/75)

Nas estruturas de topicalização com próclise, indicada na tabela 2, a realização de um constituinte da oração na posição de (X) resulta na ordem superficial V3, registrada com menor frequência no corpus.

**Tabela 3. Objetos topicalizados com retomada de clítico em disposição de próclise em estruturas de ordem superficial V2/V3**

	1502-1597	1601-1695	1702-1750	1757-1845
<b>ObjcIV</b>	62,5 (10/16)	91,6 (22/24)	66,7 (2/3)	62,5 (5/8)
<b>ObjXcIV</b>	37,5 (6/16)	8,4 (2/24)	33,3 (1/3)	37,5 (3/8)

As estruturas de topicalização de objeto sem retomada de clítico, de uso mais frequente nos textos dos autores nascidos entre 1502-1750, são legitimadas em sentenças com ordem superficial V2 e/ou V3. A ordem superficial V2 é prevalecte nessas construções.

(8)

- a. *A Hercules pintou a Antiguidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente.* (CTB-C\_006-1601-1667)
- b. *Uma carta do reverendo padre Frei André Teles enviei a Vossa Excelência* (CTB-V\_002-1608-1697)

Nas construções com ordem superficial V3, um outro constituinte da oração é realizado entre o objeto em posição de tópico e o verbo.

(9)

- a. *e a dõ Pedro ysso mesmo estprevy.* (CTB-D\_001-1502-1557)
- b. *nenhuma cousa o avaro faz boa senão quando morre* (CTB-L\_001-1579-1621)

O comportamento diacrônico no uso dessas formas é mostrado na tabela a seguir.

**Tabela 4. Objetos topicalizados sem retomada de clítico em estruturas de ordem superficial V2/V3**

	1502-1597	1601-1695	1702-1750	1757-1845
<b>Obj(cl)V</b>	92,4 (317/343)	95,5 (411/430)	95,5 (85/89)	92,4 (85/92)
<b>ObjX(cl)V</b>	7,6 (26/343)	4,5 (19/430)	4,5 (4/89)	7,6 (7/92)

A frequência elevada de estruturas de topicalização na ordem V2, encontrada nos textos dos autores nascidos a partir de 1750, pode ser justificada por dois motivos: uso mais acentuado de objetos topicalizados em ambientes sintáticos categóricos de próclise e período histórico-lingüístico de competição de gramáticas, conforme propõe Galves; Britto e Paixão de Sousa (op. cit: 3).

### **As ordens V1/V2 na formação de objetos topicalizados: contexto de variação**

O resultado da pesquisa, mostrado acima, confirma a ordem superficial V2 como ordem prevalecente na formação das estruturas de topicalização de objeto do português clássico. O uso da próclise nas estruturas com retomada clítica e estruturas com clítico não co-referente ao objeto deslocado define a ordem subjacente V2 dessas construções. A questão pendente é descrever a ordem subjacente das estruturas de topicalização que não apresentam clítico na oração. Dentro das considerações que apresentei na introdução do artigo, a ordem superficial V2 dessas construções não permite, em análise superficial, definir a ordem subjacente e, portanto, a posição estrutural de realização do objeto deslocado.

A confirmação da natureza V2 dessas estruturas está assentada no fato de haver restrição no português clássico de uso da ênclise nessas construções. A próclise é generalizada nas ocorrências que apresentam clítico não co-referente ao objeto deslocado. O outro fato transparecido na pesquisa que vem assegurar a ordem subjacente V2 dessas estruturas está na própria condição de licenciamento de objeto com o estatuto de adjunto. Os dados mostram que, na condição de adjunto, o objeto é licenciado em estruturas com retomada de clítico em disposição de próclise em sentenças de ordem superficial V3 e/ou, em sentenças de ordem V1 com ênclise. Em configuração V3, como *propus*, sendo o objeto realizado na condição de adjunto, a natureza V2 dessas construções é assegurada pelo elemento que precede imediatamente o verbo. Na ordem V1, o clítico em disposição de ênclise, define o estatuto de adjunto do objeto topicalizado, em concordância com a proposta de Galves, Britto e Paixão de Sousa (op. cit: 13). Estas são as ordens, visivelmente, assinaladas de licenciamento de objeto topicalizado com o estatuto de adjunto naquela gramática. Nas estruturas de topicalização sem clítico, o objeto é um elemento fronteado, realizado dentro da estrutura prosódica da oração.

Resta agora definir a natureza do objeto em posição pré-verbal nas construções com retomada de clítico em forma de próclise.

- (10) Que *a Vossa Mercê lhe* tomem mal os seus papéis ou descuidos, folgue muito com isso; (CTB-C\_003-1631-1682)

Nesta mesma configuração, os dados mostram ocorrências de redobro de clítico.

(11)

- a. Senhores *a mim me* chamão Fernão Gil Porcalho, & este olho que me vedes menos, me quebraraõ os Achens na tranqueyra de Malaca, (CTB-H\_001-1517-1584)
- b. Porém *a nós* não *nos* caíram em sorte êstes escravos, senão a gente mais bárbara do mundo como é a de tôda a Etiópia, (CTB-L\_001-1579-1621)
- c. Depois que deu fim a aquela obrigação, que *a êle lhe* não pareceu que fosse tão custosa, fechando-se devagar no seu aposento abriu as arcas e os saco em que *lhe* parecia que estava a sua bem-aventurança; (CTB-L\_001-1579-1621)

Em pesquisa anterior (Gibrail, 2003), propus que o português clássico licencia estruturas de redobro de clíticos com objetos representados por nomes próprios de pessoa, pronomes de tratamento e com o pronome indefinido todos (as).

(12)

- a. A razão, diz São João Chrysostomo, foi porque *lhe* não succedesse *a David* com seus irmãos, o que tinha succedido a José com os seus: (CTB-V\_004-1608-1697)
- b. E que *lhe* importou *a Daniel* esta tão triste interpretação? (CTB-V\_003-1608-1697)

Estes dados indicam que as estruturas de redobro de clítico podem ser formadas em posição pré e pós-verbal no português clássico. A constatação desse fato me permite definir as ocorrências em (1) e (10) como instanciações de redobro de clítico com o objeto redobrado em posição pré-verbal. O objeto e o clítico têm os mesmos traços-phi e carregam o traço [+humano], sendo ambos os elementos realizados dentro da estrutura prosódica da oração.

- (13) *A as pessoas pera quem levaeas minhas cartas de crença, lhas* dareys; (CTB-D\_001-1502-1557)

A natureza de estruturas de redobro de clítico dessas sentenças é confirmada na ocorrência a seguir, encontrada nos dados de Antonio Costa, autor nascido em 1714.

- (14) Assim, se *a Vossa Mercê lhe* vier appetite de saber algum pontinho, diga-*mo*, que *lho* explicarei o mais que puder até onde chegar a minha alçada. (CTB-C\_004-1714-?)

Nesta construção, a estrutura de redobro de clítico integra uma oração subordinada que se apresenta, ela mesma, topicalizada.

Esta mesma relação pode ser assumida para justificar o licenciamento das topicalizações de objetos não detentores do traço [+ humano].

- (15) que esta letra de marca de Joham Ango e todas as outras que se poderiam cõceder, as averya por Revogadas, (CTB-D\_001-1502-1557)

Em todas essas ocorrências, a ordem padrão V2 do português clássico é

reafirmada, seja com o objeto em posição de adjunção à fronteira frásica, como nas topicalizações com retomada de clítico com próclise em configuração V3, seja na condição de elemento frontado, no caso das estruturas sem retomada de clítico e/ou nas estruturas de redobro.

Por outro lado, conforme indiquei acima, os dados de autores nascidos nos séculos 16-17 apresentam ocorrências de objetos em posição de tópico em sentenças com clítico disposto em ênclise. O uso da ênclise nessas ocorrências define o verbo como o primeiro elemento dentro da estrutura prosódica da oração; o objeto é realizado em posição anterior, na condição de adjunto. No corpus, as construções de objetos topicalizados em posição de adjunção em sentenças de ordem V1 com ênclise são encontradas com menor frequência, estando condicionadas a questões estilísticas e à disposição desses elementos em estruturas de paralelismo sintático.

(16)

- a. *ao austinado move-o á compunção; o mundano á penitencia; o contemplativo á contemplação e medo e vergonha.* (CTB-H\_001-1517-1584)
- b. *Ao gigante derrubou -o a pedra, e a David o sonido.* (CTB-V\_004-1608-1697)
- c. *Ao Espirito Santo que procede por vontade, deu-lhe o Padre o despacho das mercês: ao Filho que se produz por entendimento, deu-lhe o Juízo das culpas* (CTB- V\_004 –1608-1697)

Esta restrição não é verificada nos dados dos autores nascidos a partir da segunda metade do século 18. Nesses textos, as estruturas de topicalização de objetos com retomada de clítico em forma de ênclise são legitimadas em contextos diversos, não estando condicionadas a ambientes de paralelismo sintáticos.

(17)

- a. *Nada, nada. Eu tenho melhor remédio. Logo que eu volte, esses compositores por alcunha mande-os Vossa Mercê ler as suas obras sentados em uma cadeira no teatro, e deixe o mais por minha conta.* (CTB-C\_005-1557-1832)
- b. *O pobre do Thomé arranjaram-no como o neto dos touros de colleira teza de fólhos e capinha, com laçaréos encarnados nos sapatos.*(CTB- G\_004-1799-1854)

O uso maior dessas estruturas com ênclise a partir da segunda metade do século 18 não significa, portanto, uso maior das estruturas V1 com ênclise legitimadas nos séculos 16 e 17. Nos textos dos autores nascidos nos séculos 16 e 17, a realização de objeto na configuração de adjunto, em sentenças de ordem V1 com ênclise, justificadas em concordância com a restrição da Lei de Tobler-Mussafia (Galves; Britto e Paixão de Sousa, 2005: 13), implica em estruturas de variação lingüística. Nos textos dos autores nascidos a partir da segunda metade do século 18, o uso da ênclise nessas construções se generaliza, sendo motivado por razões outras, diretamente ligadas à mudança estrutural em curso naquela gramática.

## Conclusão

Apresentei, neste artigo, o resultado da pesquisa sobre o uso das estruturas de topicalização de objeto no português clássico. O resultado alcançado revela que o português clássico licencia objetos em posição pré-verbal na condição de adjunto e/ou de elemento fronteado, realizado dentro da oração. Na condição de adjunto, o objeto topicalizado é retomado por um clítico, em disposição de próclise, em sentenças de ordem superficial V3. Na condição de elemento fronteado, o objeto se apresenta em estruturas sem clítico co-referente, na forma de topicalização V2, e em estruturas com clítico co-referente, em condições semelhantes às estruturas de redobro de clítico. Nessas formas de topicalização de objeto, a ordem subjacente V2 é assegurada. Atribuo a presença de estruturas de adjunção com o objeto topicalizado em sentenças V1 com ênclise, encontradas nos dados de autores nascidos nos séculos 16 e 17, como formas variantes, motivadas por razões estilísticas e ambientes sintáticos de paralelismo estrutural. Assumo a mudança de comportamento diacrônico na frequência de uso dessas formas como consequência de uma mudança maior em curso naquela gramática, visivelmente assinalada na mudança da posição estrutural de realização do clítico.

## Notas

<sup>1</sup> O Corpus Histórico do Português Tycho Brahe é um corpus eletrônico anotado, composto de textos portugueses escritos entre os séculos 16 e 19. Seu desenvolvimento é parte do Projeto Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística, financiado pela FAPESP e dirigido pela prof<sup>a</sup> D<sup>ra</sup> Charlotte Marie C. Galves. O acesso a este Corpus pode ser feito através do endereço : [www.ime.usp.br/~tycho/corpus](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus)

<sup>2</sup> Lei Tobler-Mussafia: generalização proposta em 1875 por Alfred Tobler ao observar que as línguas neo-latinas medievais não apresentam elementos átonos em início da frase. A “lei Tobler-Mussafia” remete ao fato de não se atestarem, nas línguas antigas, sentenças com verbo em primeira posição (Paixão de Sousa, 2004: 26). Esta generalização estabelece que um clítico não pode ser o primeiro constituinte da oração nas línguas românicas medievais (Galves; Britto e Paixão de Sousa, 2005: 13)

<sup>3</sup> Na descrição dos dados, adotei como ambientes categóricos de próclise os mesmos contextos observados por Martim (1994) e Ribeiro (1992), para o português antigo; Paixão de Sousa (2004) e Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) para o português dos séculos 16 e 17 e Barbosa (2000), para o português europeu: o verbo da estrutura oracional precedido de quantificadores (alguém, ninguém, muito, pouco), partículas focalizadoras (só, até), advérbios modais (bem, mal, já, também), advérbios de negação (não, nunca, jamais).

## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, E. A. “As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva”. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006.
- BARBOSA, P. “Clitic placement in European Portuguese and the position of subjects”, in A Halpern and A. M. Zwicky, eds., *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. CSLI Publications, Stanford, 1996
- Clitics: a window into the null subjects proprieties”, in J. Costa ed., *Portuguese Syntax-New Comparative Studies*. Oxford University Press, 2000.
- DUARTE, M. I. “A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento”. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, 1987.
- GALVES, A. & Galves, C. “A Case study of prosody driven language change: from CIP to EP”, UNICAMP-USP- artigo, 1995.

- GALVES, C. "Agreement, predication and pronouns in the history of Portuguese", in J. Costa (ed) Portuguese Syntax. New Comparative Studies, Oxford University Press, 2000.
- "Ensaio sobre as gramáticas do português", Editora Unicamp, 2001.
- GALVES, C. and Paixão de Sousa, M. C. "Clitic placement and the positions of subjects in the history of European Portuguese", in H. Jacobs and T Gwaart (eds). Romance Language and Linguistic Theory, 2004.
- GALVES, C.; Britto, H. and Paixão de Sousa, M. C. "The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus", State University of Campinas, Unicamp, 2005.
- GIBRIL, A. V. B. "O Acusativo preposicionado do português clássico: uma abordagem diacrônica e teórica". Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, 2003.
- MARTINS, A. M. "Clíticos na história do português". Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 1994.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. "Língua Barroca: sintaxe e história do português nos anos 1600". Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- RAPOSO, E. "Clitic position and verb movement", in J. Costa ed., Portuguese Syntax – New Comparative Studies. Oxford University Press, Oxford, pp. 266-297, 2000
- RIBEIRO, I. M. O. "Evidence for a verb-second phase in Old Portuguese", in Batty, A, e Roberts, I (orgs), Language Change and Verbal Systems, 1995
- "A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2". Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

ANEXO: Códigos de identificação dos textos pesquisados do Corpus Tycho Brahe: A\_001- Mathias Aires (1705-1763); A\_002- Manuel Pires de Almeida (1597-1655); A\_003 – Marques de Fronteira e Alorna (1802-1881); A\_004 - Marquesa D'Alorna (1750-1839); B\_001 - Andre de Barros (1675-1754); B\_003 - Manuel Bernardes (1644-1710); B\_004 - Camilo Castelo Branco /Amor ... (1825-1890); B\_005 - Camilo Castelo Branco /Maria ... (1825-1890); B\_006 - Antonio Brandão (1584-1637); B\_007- Bernardo de Brito (1569-1617); B\_008 - Jose da Cunha Brochado (1651-1735); C\_001 – Cavaleiro de Oliveira (1702-1783); C\_002 – Maria do Céu (1658-1753); C\_003 – Antonio Chagas (1631-1682); C\_004 – Antonio da Costa (1714-?); C\_005 - José Daniel Rodrigues da Costa (1757-1832); C\_006 – Manuel da Costa (1601-1667); C\_007 – Diogo Couto (1542-1606); D\_001 – D. João III (1502-1557); E\_001 - Eça de Queiróz & O.Oliveira Martins (1845-1900); F\_001 – Manuel Severim de Faria (1583-1655), G\_001 – Manuel de Galhegos (1597-1665); G\_002 – Correia Garção (1724-1772); G\_003 – Almeida Garrett/Cartas (1799-1854); G\_004 – Almeida Garrett /Teatro (1799-1854); G\_005 – Almeida Garrett /Viagens (1799-1854); G\_006 – Alexandre de Gusmão (1696-?); H\_001 – Francisco de Holanda (1517-1584); L\_001 – Francisco Rodrigues Lobo (1579-1621); M\_001 – Diogo I. de Pina Manique (1733-1805); M\_003 – Francisco Manuel de Melo / Cartas (1608-1666); M\_004 – Francisco Manuel de Melo /Tácito (1608-1666); O-001 – Ramalho Ortigão (1836-1845); P\_001 – Fernão Mendes Pinto (1510-1583); S\_001 - Luis de Sousa (1556-1632); V\_001 – Luiz Antonio Verney (1713-1792); V\_002 - A. Vieira/ Cartas (1608-1697); A. Vieira -V\_003/História do Futuro (1608-1697); V\_004 -A. Vieira /Sermões (1608-169).

